

Uma análise quantitativa sobre a produção de notícias em formato híbrido no telejornalismo de rede da TV Globo¹

Luís Boaventura²

Jorge Pedro Sousa³

Valquíria Kneipp⁴

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal

RESUMO:

A construção de formatos utilizados pelos jornalistas para a construção da notícia nos telejornais de rede da TV Globo é o tema principal desse trabalho de investigação. O objetivo geral desta tese é trabalhar o fenômeno de hibridização dos formatos de notícia: identificar e contabilizar os formatos que ainda não estão descritos nos manuais de telejornalismo. Esta pesquisa tem como objeto de estudo as formas criadas pelos telejornalistas brasileiros, a partir da evolução tecnológica disponível, para transformar a informação em notícia. Para definição do corpus de pesquisa, optou-se pelo uso de três semanas construídas das edições de cada um dos cinco telejornais de rede da emissora, totalizando 81 edições do H1, BDBR, JH, JN, e, JG. Quanto à abordagem do assunto, caracteriza-se como uma pesquisa quantitativa, pois com o uso desse método foram quantificadas a existência de formatos híbridos nos telejornais.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; telejornalismo; formato de notícia; hibridização.

INTRODUÇÃO

O telejornalismo passa por um processo de adaptação constante e encoraja fenômenos tecnológicos de modernização que vêm mudando não só modo de fazer dos jornalistas como também os formatos nos quais as notícias vão para o ar. Hoje, vivendo a “fase da portabilidade, mobilidade e interatividade digital” (Mattos, 2010, p.86), é possível verificar que “todas essas mudanças afetam diretamente a atividade de comunicação na relação entre as pessoas que vivem em um mundo cada vez mais dominados pela tecnologia” (Porcello, 2015, p. 149).

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Informação pela Universidade Fernando Pessoa, doutorando em Estudos de Mídia pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Mídia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (cotutela ainda não finalizada), e-mail: boaventura84@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor Catedrático da Universidade Fernando Pessoa e-mail: jpsousa@ufp.pt

⁴ Orientadora do trabalho. Professora Decom UFRN, e-mail: valquiria.kneipp@ufrn.br

Chama-nos a atenção à falta de uma bibliografia específica que aborde de modo integrado e sistemático as hibridizações criadas nos formatos de notícias e que não se enquadram nas nomenclaturas clássicas existentes. Por exemplo: a função de chamar a notícia é dos apresentadores, então como devemos nomear o texto lido pelos repórteres para chamar uma reportagem a partir do ponto do ao vivo? E quando a reportagem não é montada na edição e do ponto do ao vivo o repórter contextualiza o assunto e chama sonoras e imagens que o cobrem? Quantos elementos temos misturados nesses processos?

A questão inicial surgiu de uma problemática em sala de aula, por um dos alunos de telejornalismo deste autor, quando foi apresentado aos estudantes o conteúdo sobre formato de notícias. Após a exemplificação sobre a nota coberta e a pelada, um dos estudantes comentou que já teria assistido uma nota com imagens no telão do estúdio. Ele completou seu raciocínio questionando que o caso não poderia ser uma nota pelada porque estava com imagens no telão auxiliando e também não poderia ser uma nota coberta, pois não cobriu o apresentador. Então, pois a questão: ‘seria essa uma nota *topless*?’ fazendo referência ao modo como as mulheres na praia podem se vestir sem a parte de cima do conjunto de biquíni, ou seja, a nota estaria meio pelada, meio coberta. Diante disso, o autor tratou de pesquisar sobre o assunto em sua tese de doutorado e trazer como resultado um estudo sobre o processo de hibridização. Uma parte encontramos neste trabalho.

Esse preâmbulo nos faz refletir sobre o que especificamente este trabalho defende que é a existência da hibridização na prática da construção da notícia no telejornalismo brasileiro a partir dos formatos clássicos de notícias já descritos no manuais de telejornalismo. Essa reestruturação dada à informação apresenta como resultado para o telespectador algo que parece ser novo, mais dinâmico ou diferente do comum. Por ora, a dificuldade que pretendemos resolver com esse artigo é a identificação do uso e a quantificação de formatos híbridos pelos telejornais de rede da TV Globo.

REFERENCIAL TÓRICO

Somente 37 anos após o início da transmissão televisiva no Brasil, em 1987, é publicado o primeiro manual de telejornalismo no país: *O Texto na TV – Manual de Telejornalismo*, livro que já passou por duas atualizações e segue até hoje como a principal referência para diversas gerações de telejornalistas brasileiros.

Na época que eu comecei a trabalhar na TV Globo, já existia uma linguagem interna, termos internos que vieram muito da engenharia [...] Porque o pessoal que começou a trabalhar em televisão veio do rádio e veio com termos do rádio, tentando adaptar à televisão. Claro que na televisão começou a ter imagem e também tinha que incorporar a imagem aos termos técnicos do rádio e aquilo começou a ser criado, a ser modificado para se adaptar ao veículo televisão. (Paternostro, 2020)

São expressões que a própria autora reconhece que estão em constante mudanças baseadas, principalmente, nas possibilidades que a evolução tecnológica oferece.

Esse vocabulário que eu fiz, em 1987, foi baseado no que eu ouvia na redação mesmo, no que os jornalistas mais velhos iam falando. Tanto é que quando o livro foi atualizado, reeditado, lá pra 90...2000, o vocabulário é outro. É muito mais amplo, muito maior. Entra o digital... é muito diferente, como muda. E se a gente for fazer isso agora: outros termos. (Paternostro, 2020).

A descrição desse trabalho nos leva a refletir sobre o conceito de “tribo jornalística” (Traquina, 2005a, p.24) com a proposta de que “uma compreensão do porquê as notícias serem como são tem que partir de uma análise da cultura profissional das pessoas que produzem notícias – os jornalistas” (Traquina, 2005a, v.2, p. 188). A essência da atividade jornalística mira na necessidade de ouvir e relatar os amplos vieses de um fato.

Então, partiremos desses pressupostos para uma curta e necessária, diferenciação entre gênero e formato na atividade telejornalística. Sobre o conceito de formato, verificamos que aparece em discussão de modo mais amplo em Aronchi de Souza (2004), ao tratar sobre televisão de modo geral. “O termo formato é nomenclatura própria do meio [...] para identificar a forma e o tipo da produção de um gênero de programa de televisão. Formato está sempre associado a um gênero, assim como gênero está diretamente ligado a uma categoria” (Aronchi de Souza, 2004, p. 46).

Portanto, a partir dessas concepções mencionadas, e ao longo de mais de 10 anos em atuação prática diária em redações de TV, este autor considera os formatos de notícia no telejornalismo como sendo o modo pelo qual os jornalistas de televisão configuram e significam a informação para ser transmitida aos telespectadores a fim de criar captar a atenção da audiência para o assunto mostrado.

A prática televisiva associada aos estudos sobre *newsmaking*, levam este autor a identificar 11 diferentes formatos de notícia no telejornalismo: reportagem, ao vivo (ou

link), *stand-up* (ou boletim, também chamado de falso ao vivo), nota coberta, nota pelada, entrevista de estúdio, *audiotape*, povo fala, escalada, passagem de bloco e encerramento.

Bistane e Bacellar explicam que a nota pelada é “o texto curto sem imagens, lido ao vivo pelo apresentador” e a nota coberta é, para as autoras, esse mesmo tipo de texto, mas “coberto com imagens” (Bistane & Bacellar, 2005, p. 135). Já a reportagem é o formato utilizado para se narrar um fato que em um telejornal pode conter passagem do repórter, narração, imagens ou ilustração cobrindo o texto, sonora de um entrevistado e/ou sobe-som ambiente. É chamado de ao vivo a “transmissão de um acontecimento no exato momento em que ele ocorre” (Paternostro, 1999, p. 136), normalmente feito por um repórter no local do acontecimento.

O *stand-up* é opção “quando não há possibilidade de imagens, quando não há tempo suficiente para editar a matéria, a solução está na agilidade do repórter em contar tudo que apurou falando diretamente para a câmara” (Villela, 2008, p. 38). Um recurso que ainda aparece nos manuais é o *audiotape*, que “indica a gravação de um texto de um repórter/correspondente somente em forma de áudio, via telefone” (Paternostro, 1999, p. 136). A entrevista “é o mecanismo por meio do qual se obtêm respostas a perguntas feitas a alguém em benefício de um público” (Curado, 2002, p. 98). No telejornal normalmente as entrevistas acontecem no próprio estúdio. A escalada são as manchetes que estão no esqueleto da edição “é formada por uma série de chamadas, lidas pelo apresentador na abertura do jornal.” (Maciel, 1995, p.108). A passagem de bloco é também formativo do telejornal, são “textos e imagens que encerram um bloco do telejornal e chamam reportagens que serão exibidas depois do intervalo” (Bistane & Bacellar, 2005, p. 135).

É preciso considerar aqui que o editorial, de acordo com Paternostro (1999, p. 141), é o “texto que expressa a opinião da emissora sobre determinado assunto” e normalmente é apresentado como uma nota pelada, por isso não é considerado por esse trabalho como um formato de notícia propriamente dito. O mesmo acontece com os comentários que normalmente surgem como notas peladas; as colunas que tratam de assuntos fixos do telejornal como, por exemplo, a meteorologia; e, por fim, a crônica, que é o relato do cotidiano e que pode estar em diversos formatos como, por exemplo, um correspondente mostrar a rotina em determinada cidade do país em que atua.

É preciso explicar que a nota pé não consta na lista por ser considerada, assim como a cabeça, um elemento formador da reportagem, com intuito, neste caso, de corrigir, complementar ou atualizar uma informação. Outro ponto importante a ser considerado é que, principalmente, na escalada e na passagem de bloco, estamos tratando de jornalismo opinativo, pois o editor-chefe usa da sua opinião e da análise do perfil editorial para determinar a inclusão ou exclusão do assunto no espaço de manchetes. Já o que chamamos de ‘ao vivo’, pode informar, interpretar ou opinar sobre um fato.

HIBRIDIZAÇÃO

Com a adoção e exemplificação do conceito e dos formatos de notícia para a análise do objeto deste estudo, faz-se necessário explicar o que consideramos um processo de hibridização e o que é o formato de notícia híbrido. Diante de uma complexidade de usos do termo hibridização, deve-se buscar as origens do conceito. Com origem no século XVI, existe imprecisão no que vem exatamente a ser algo híbrido na área da biologia.

O termo hibridização está sujeito a ambiguidade. O conceito de cruzamento entre indivíduos de dois grupos distintos é superficialmente simples, mas surge a incerteza na definição de grupos distintos. [...] Aqui, adotaremos a definição ampla de que a hibridização é um cruzamento entre indivíduos de populações separadas que diferem em uma ou mais características hereditárias⁵. (Harrison, 1990, tradução nossa).

Com esses conceitos das ciências naturais apresentados pode-se fazer uma analogia do que é praticado pelo telejornalismo. O que chamamos de formato híbrido de notícia no telejornalismo é justamente o fato de serem combinados dois ou mais formatos clássicos já descritos e, como resultado dessa combinação, surge um novo formato, um híbrido a partir das matrizes.

Trazendo para o telejornalismo o que disse Harrison em 1990 (citado por Goulet; Roda & Hopkins, 2017), também a hibridização de um formato de notícia acontece a partir do cruzamento entre indivíduos de populações separadas (formatos de notícias já classificados) que diferem em uma ou mais características e ao cruzar esses indivíduos de população separadas (imagens, como em uma nota coberta, para cobrir a cabeça que

⁵No original: “The term hybridization is prone to ambiguity. The concept of a cross between individuals from two distinct groups is superficially simple, but uncertainty arises in defining distinct groups. [...] Here, we will adopt the broad definition that hybridization is a cross between individuals from separated population that differ in one or more heritable traits” (Harrison, 1990).

chama uma reportagem), surge um novo indivíduo (o formato híbrido de notícia, que aqui chamaremos de cabeça ilustrada).

O avanço tecnológico proporciona várias oportunidades de criação ao telejornalista, isso foi constatado na transição do rolo de filme revelável para a fita magnética regravável e hoje com a portabilidade que permite uma entrada ao vivo de qualquer lugar do mundo via *internet*. Além de proporcionar as oportunidades criativas, a tecnologia também gera expectativas, por parte da audiência, e uma cobrança por adaptações ao que a tecnologia dispõe. Desta forma, podemos considerar que “uma vez que jornalismo e sociedade estão em permanente mutação, é previsível que surjam novos tipos de conteúdo jornalísticos” (Temer, 2015, p. 32).

DESENVOLVIMENTO METODOLÓGICO

A metodologia norteia e dita os caminhos que devem ser seguidos. Com a escolha da metodologia apropriada, o pesquisador passa a ter mais segurança nos passos que precisam ser dados. Esse artigo, de acordo as doutoras Marconi e Lakatos (2011), traz um estudo dos fatos e não das ideias como caracteriza-se as ciências formais. A pesquisa ressalta como todos os formatos clássicos são hibridizados para gerar outros formatos, ou seja, formatos híbridos.

Essas ‘práticas hibridizadoras’ fazem parte das rotinas produtivas diárias nas emissoras de TVs brasileiras. Após avaliar o Jornal Nacional, a professora Fabiana Siqueira (2013), em sua tese de doutorado definiu quais são os formatos mais comuns no telejornalismo brasileiro (Siqueira, 2013, p. 66) e apontou que existem outros ganhando espaço na televisão, o que ela chamou de “integrado” pode ser “o uso de entradas ao vivo intercaladas por reportagens e declarações ou por um display seguido de uma nota coberta” (p. 69).

A autora também estimulou novas pesquisas neste âmbito: “Não cabe aqui neste trabalho fazer uma investigação aprofundada do uso de todos esses formatos no telejornalismo sob a perspectiva das rotinas produtivas. Isso poderá ser realizado, com mais detalhes, em pesquisas futuras” (Siqueira, 2013, p. 70). Então seguimos o conselho de Turjillo, quando diz ser preciso “basear-se nas averiguações de outro estudo ou estudos

na perspectiva de que as conexões similares entre duas ou mais variáveis prevaleçam no estudo presente” (citado por Marconi & Lakatos, 2011, p. 159).

Trabalhando a tipologia do trabalho, percebe-se que quanto à natureza da pesquisa pode-se enquadrá-la como “aplicada”, o que, na caracterização Silva e Menezes (2005, p. 20), vai gerar informações que podem ser aplicados no dia-a-dia e aqui pretende-se estudar um fenômeno atual que acontece diariamente nos telejornais brasileiros e que os resultados podem, naturalmente, influir na prática.

Outro ponto relevante a ser explicitado é relativo à exposição de “características de determinada população ou de determinado fenômeno” (Vergara, 2004, p. 47), e que de acordo com objetivos do trabalho, enquadra como uma pesquisa descritiva. Quanto à abordagem do assunto, trata-se de uma pesquisa quantitativa, pois se dimensiona os telejornais, a quantidade de formatos de notícias clássicos e híbridos e, ainda, totaliza-se essas variantes. Neste caso, se propõe, o resultado vai se “traduzir em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las” (Silva & Menezes, 2005, p. 37).

Confirmar a amostra necessária para obter os resultados esperados para esse trabalho foi um dos processos mais delicados ao longo da construção metodológica.

Uma amostra com unidades erradas ou que não tenham o que dizer sobre o objeto da pesquisa gera resultados enganosos. Sempre, o que se busca com uma amostra, é fazer inferências a partir de um subgrupo para o todo. O principal aspecto da estatística inferencial é que a partir da análise de uma amostra é possível generalizar resultados para a população (Cervi, 2017, p. 127).

Assim optou-se pela análise de semanas construídas para o estudo dos telejornais, pois “é um método bastante utilizado em análises de produtos jornalísticos” (Nodari, 2021) e foi aplicado pela própria doutora Sandra Nodari em sua tese de doutorado, ao replicar a metodologia proposta por Stempel (1952) e registrada por D. Riffe, C. Aust e S. Lacy (2014).

Por causa da técnica de amostragem de Stempel, os resultados foram construídos em semanas. Stemple concluiu 12 dias (duas semanas construídas) foram suficientes para representar o conteúdo de um ano. Pesquisas de David e Turner (1951) e Jones e Carter (1959) encontraram resultados semelhantes aos de Stempel (1952). No entanto, no primeiro caso, a população era de

apenas 2 meses e, no último de apenas 3 semanas. (Riffe; Aust & Lacy, 2014, p. 86, tradução nossa)⁶.

Adaptando esses exemplos já estruturados e aplicados com sucesso, decidiu-se pela construção de três semanas que perpassaram por 18 semanas do calendário, com a análise das edições de cada um dos cinco telejornais (Hora 1, Bom Dia Brasil, Jornal Hoje, Jornal Nacional e Jornal da Globo) exibidos nacionalmente pela TV Globo.

Todo estudo morfológico de um jornal é realizado de acordo com certos procedimentos contábeis e de avaliação. [...] Não existe sistema miraculoso que possa ser indiferentemente aplicado em todos os casos. Cada tipo de estudo requer o estabelecimento de uma classificação particular, onde os diferentes elementos devem ser adaptados ao objeto que está sendo tratado (Kayser, 1982, p. 149, tradução nossa)⁷.

Sobre essa seleção dos programas a serem analisados, a pesquisadora britânica Diana Rose explica que as escolhas teóricas e empíricas interferem no que será selecionado para estudo. “O processo de seleção não é simples. O que deixar fora é tão importante quanto o que vai se incluir, e irá afetar o restante da análise” (Rose, 2014, p. 345). As edições foram selecionadas no aplicativo Globoplay, da TV Globo, conforme disponibilidade do vídeo na íntegra de cada edição dos telejornais. A maioria foi analisada no período entre 5 de junho de 2019 até 1º de outubro de 2019, com exceção do Hora 1.

Há uma descontinuidade das edições na íntegra deste telejornal matutino no aplicativo e, por isso, após 9 de julho de 2019 há um intervalo até 11 de dezembro de 2019, quando volta a ser disponibilizado por completo nos dias da semana que precisamos para manter a padronização metodológica empregada por essa pesquisa. A construção da semana, foi feita conforme descrito na tabela abaixo:

Tabela 1. Três semana construídas

Dia da semana	Hora 1	BDBR	JH	JN	JG
Quarta-feira	05/06/19	05/06/19	05/06/19	05/06/19	05/06/19
Quinta-feira	13/06/19	13/06/19	13/06/19	13/06/19	13/06/19
Sexta-feira	21/06/19	21/06/19	21/06/19	21/06/19	21/06/19

⁶ No original: “Because of Stempel’s sampling technique, the results were constructed weeks. Stemple concluded 12 day (two constructed weeks) were sufficient for representing a year’s content. Research by David and Turner (1951) and Jones and Carter (1959) found results similar to Stempel’s (1952). However, in the former case, the population was only 2 months and, in the latter only 3 weeks” (Riffe, Aust & Lacy, 2014, p. 86)

⁷ No original: “Todo estudio morfológico de un diario se efectúa según ciertos procedimientos de contabilización y de evaluación. [...] No existe el sistema milagroso que pueda ser indiferentemente aplicado en todos los casos. Cada tipo de estudio exige el establecimiento de una clasificación particular, donde los diferentes elementos deben ser adaptados al objeto tratado” (Kayser, 1982, p. 149).

Sábado	---	---	29/06/19	29/06/19	---
Segunda-feira	01/07/19	01/07/19	01/07/19	01/07/19	01/07/19
Terça-Feira	09/07/19	09/07/19	09/07/19	09/07/19	09/07/19
Quarta-feira	11/12/19	17/07/19	17/07/19	17/07/19	17/07/19
Quinta-feira	19/12/19	25/07/19	25/07/19	25/07/19	25/07/19
Sexta-feira	27/12/19	02/08/19	02/08/19	02/08/19	02/08/19
Sábado	---	---	10/08/19	10/08/19	---
Segunda-feira	30/12/19	12/08/19	12/08/19	12/08/19	12/08/19
Terça-Feira	07/01/19	20/08/19	20/08/19	20/08/19	20/08/19
Quarta-feira	15/01/2020	28/08/19	28/08/19	28/08/19	28/08/19
Quinta-feira	23/01/2020	05/09/19	05/09/19	05/09/19	05/09/19
Sexta-feira	31/01/2020	13/09/19	13/09/19	13/09/19	13/09/19
Sábado	---	---	21/09/19	21/09/19	---
Segunda-feira	03/02/2020	23/09/19	23/09/19	23/09/19	23/09/19
Terça-Feira	11/02/2020	01/10/19	01/10/19	01/10/19	01/10/19

Fonte: Elaborado pelo autor.

Assim, completou-se, para cada telejornal, um período superior a três meses de análises, considerando que cada um tem quatro semanas. A construção de cada semana rendeu 27 edições por semana. No total, foram: 15 edições do Hora Um da Notícia, o que representa 28 horas, 12 minutos e 3 segundos; outras 15 edições do Bom Dia Brasil, com mais 15 horas, 54 minutos e 8 segundos; 18 edições do Jornal Hoje, cuja soma resulta em 11 horas, 50 minutos e 54 segundos; outras 18 edições do Jornal Nacional representando em tempo por 13 horas, 22 minutos e 4 segundos; e por fim mais 15 edições do Jornal da Globo, com outras 9 horas, 5 minutos e 36 segundos. Faz-se necessário lembrar que apenas o Jornal Hoje e o Jornal Nacional têm edições aos sábados.

Multiplicando esses números semanais pelas três semanas construídas temos, ao todo, 81 edições de telejornal, com o total de 78 horas, 24 minutos 45 segundos selecionadas e analisadas a partir de junho de 2019. Com a coleta do *corpus* de análise feita, foi recriado o espelho⁸ de cada um dos telejornais, usando-se como referência os formatos clássicos de notícia.

Em vez de procurar uma perfeição impossível, necessitamos ser muito explícitos sobre as técnicas que nós empregamos para selecionar, transcrever e analisar os dados. Se essas técnicas forem tornadas explícitas, então o leitor possui uma oportunidade melhor de julgar a análise empreendida. [...] um método explícito fornece um espaço aberto, intelectual e prático, onde as análises são debatidas (Rose, 2014, p. 345).

⁸ “O espelho sintetiza a organização do telejornal em blocos, a ordem das matérias em cada bloco, bem como dos intervalos comerciais, das chamadas e do encerramento” (Rezende, 2000, p. 146). Ou ainda, “como o próprio nome diz é o reflexo daquilo que será apresentado no telejornal” (Paternostro, 1999).

Com cada um dos 81 espelhos recriados foi necessário observar os telejornais com um olhar voltado para o objeto de estudo deste trabalho que são as hibridizações. Mas, antes de serem observadas as hibridizações foi feita uma análise criteriosa de cada um dos telejornais. Em uma planilha do *Microsoft Excel* foram abertas 6 abas, uma para cada programa noticioso analisado e outra para a totalização dos dados.

Em cada dia observado do Hora Um da Notícia, por exemplo, foram tomadas notas da data da exibição, do dia da semana correspondente, do tempo de produção naquele dia, da quantidade de páginas identificadas, e, dentre essas, a quantidade de páginas em que foram identificadas hibridizações, além do percentual hibridizado. O mesmo foi feito com os outros quatro telejornais em análise. Os dados descritos sobre cada uma das edições dos cinco telejornais em estudo foram, ao final, contabilizados, gerando uma totalização dos dados conforme pode ser visto na próxima tabela.

Tabela 2. Planilha com o total de dados que foram obtidos a partir da análise qualitativa de cada telejornal analisado.

Telejornal	Tempo de produção	Média diária	Páginas	Hibridizações	Percentual hibridizado	Edições
HORA 1 DA NOTÍCIA	28:12:03	01:52:48	902	291	32,30%	15
BOM DIA BRASIL	15:54:08	00:51:37	500	122	24,40%	15
JORNAL HOJE	11:50:54	00:39:30	408	122	31,40%	18
JORNAL NACIONAL	13:22:04	00:44:34	388	46	11,90%	18
JORNAL DA GLOBO	09:05:36	00:36:22	332	189	54,40%	15
TOTAL	78:24:45	04:44:51	2530	770	30,88%	81

Fonte: Elaborado pelo autor.

É preciso destacar que onde se apresenta o percentual total de hibridização, trata-se efetivamente de uma média da soma dos percentuais dos cinco telejornais dividido por cinco (a quantidade de telejornais), resultando em uma média, considerada a informação mais importante para o momento do trabalho. Assim pode-se construir o perfil de cada uma das 81 edições, somando os dados completos das edições de um mesmo telejornal e, com esta recolha de dados, foram observados os formatos clássicos, e foram quantificados suas ocorrências.

Com a dilucidação dos dados e os resultados às perguntas iniciais desse trabalho respondidas, chegou o momento de construir a escrita. “Eliminemos desde já um equívoco. Há quem pense que um texto de divulgação, onde as coisas são explicadas de modo a que todos compreendam, requer menos habilidade que uma comunicação científica especializada” (Eco, 1977, p. 113). Ancorando-se na fala do teórico, procurou-se adotar uma linguagem que possa ser entendida por todo o público que possa ter interesse no assunto.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A partir de agora, daremos continuidade a esse trabalho apresentando os telejornais que utilizamos como *corpus* do estudo, passando, desta forma, a permitir um olhar amplo, neste momento, apenas sobre os formatos de notícias clássicos. É necessário salientar que em nenhuma edição analisada encontramos a presença de *audio-tape* ou de povo fala.

Tabela 10. Análise dos formatos clássicos de notícias utilizados pelos telejornais de rede da TV Globo.

	Hora 1	BDBR	JH	JN	JG
Reportagem	262	98	154	205	148
Ao vivo	79	76	92	7	95
Nota coberta	341	184	85	76	40
Nota pelada	102	77	29	61	30
Nota pé	68	62	48	37	13
Stand-up	48	3	0	0	6
Entrevista de estúdio	0	0	0	2	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

O Hora Um da Notícia é o primeiro telejornal do dia a ser exibido pela emissora. Esse trabalho analisou um total de 28 horas, 12 minutos e 3 segundos do Hora 1, que apresentou média de 1 hora, 52 minutos e 48 segundos de produção no ar a cada dia. Reconstruindo-se o espelho de cada uma das quinze edições do telejornal foi possível encontrar 900 páginas (também chamadas de laudas/*script*). Nesta conta, estão sendo excluídos os elementos que formam o esqueleto do Hora 1, como escalada, vinhetas, passagens de bloco e encerramento. Contabilizamos que a nota coberta é o formato mais

utilizado para se noticiar um fato, totalizando 341 vezes ou 37,8%, o que representa uma média de 22,7 exibições por edição analisada.

Deve-se ressaltar que ao contar as notícias durante o período de análise, do total das 900 laudas, 289 delas estavam em formato híbrido, o que representou um percentual de hibridização de 32,3% de notícias em formato ainda não descrito, com média de 19 notícias por edição. Em seis dias, o percentual hibridizado superou a média total do telejornal. A edição de 11 de fevereiro de 2020 é a que apresenta mais hibridizações na forma de contar a notícia no Hora 1. O levantamento feito para este trabalho aponta para 43% de hibridizações neste dia, ou seja, de um total de 65 *scripts*, em 28 tivemos formatos ainda não descritos. O dia com menos hibridizações foi 27 de dezembro, onde apenas 12 (20,3%) de 59 *scripts* foram em formatos híbridos.

Por volta das 8h30 da manhã vai ao ar, de segunda-feira a sexta-feira, o Bom Dia Brasil (BDBR), com uma média de 51 minutos e 37 segundos de duração na grade de programação. A análise do BDBR para esta tese contempla quinze edições do telejornal, formando três semanas (não é exibido aos finais de semana). Ao reconstruir o espelho do telejornal, numericamente, foi possível encontrar 500 páginas (também chamadas de laudas ou *scripts*) nas 15 edições selecionadas. Contabilizamos que a nota coberta é o formato mais utilizado para se noticiar um fato, ocorrendo em 184 vezes, ou seja, 37,4% do total, em uma média diária de 12,3 exibições desse formato. Não foram considerados, para tanto, escalada, passagens de bloco e encerramento.

Em relação às hibridizações no modo de contar as notícias nas quinze edições do Bom Dia Brasil que foram analisadas, 122 do total das 500 páginas apareceram em formato híbrido, o que representou um percentual de 24,4% de notícias em formato ainda não descrito. Por cinco dias, o percentual hibridizado superou a média total do telejornal. O dia 13 de setembro representa a edição em que houve mais hibridizações na forma de contar a notícia no BDBR. O levantamento feito para este trabalho aponta que foram 45,7% de hibridizações neste dia, ou seja, de um total de 35 *scripts*, houve 16 em formatos ainda não descritos.

Atualmente no ar das 13h25 às 15h, aproximadamente, o Jornal Hoje é exibido de segunda a sábado e no período de pesquisa teve uma média de 39 minutos e 30 segundos⁹. A análise do Jornal Hoje contempla 18 edições formando três semanas. Ao reconstruir o espelho do telejornal foi possível encontrar 408 páginas (também chamadas de laudas ou *scripts*) nas 18 edições. Contabilizamos que as reportagens tradicionais (com narração em *off*, sonora, sobe som e/ou passagem) correspondem a 37,7% do total, ocorrendo 8,6 vezes por dia, totalizando 154 exibições e sendo formato mais utilizado para se noticiar um fato. Não foram considerados, para tanto, nem os elementos que formam o esqueleto do JH.

Em relação às hibridizações no modo de contar as notícias, do total das 408 páginas do Jornal Hoje, 122 delas apareceram em formato híbrido, o que representou um percentual de 31,4% de notícias em formato ainda não descrito. Por seis dias, o percentual hibridizado superou a média do total do telejornal. A edição de 13 de junho foi a que houve mais hibridizações, 85,7% de hibridizações neste dia, ou seja: de um total de sete *scripts*, em seis tivemos formatos ainda não descritos. O dia com menos hibridização foi 1º de julho, quando apenas dois (7,4%) de 27 *scripts* foram em formatos híbridos.

O Jornal Nacional (JN) estreou em 1º de setembro de 1969, sendo “primeiro telejornal do Brasil a ser transmitido em rede” (Memória Globo, 2021e). O estudo do Jornal Nacional para esta tese contempla 18 edições do telejornal, formando três semanas de segunda-feira a sábado. Ao todo, foram analisadas 13 horas, 22 minutos e 4 segundos do telejornal. No JN, o número das reportagens tradicionais (com narração em *off*, sonora, sobe som e/ou passagem) é o formato mais utilizado para se noticiar um fato e corresponde a 52,8% do total, ocorrendo 11,4 vezes por dia em média e totalizando 205 exibições.

Ainda sobre o JN, do total das 388 páginas, 46 delas apareceram em formato híbrido, o que representou o percentual de 11,9% de notícias em formato ainda não descrito. Somente na edição de 17 de julho de 2019, o percentual hibridizado foi de 30%, ou seja, de um total de 10 *scripts*, em 3 tivemos formatos ainda não descritos. Os dias

⁹É preciso pontuar que no período de análise, a edição do dia 13/06/2019 teve pouco menos de 20 minutos de duração por conta da transmissão de um jogo da seleção brasileira na Copa do Mundo Feminina de Futebol.

com menos hibridizações foram 21 de junho e 9 de julho de 2019, em ambos apenas um dos 22 *scripts* foram em formatos híbridos, correspondendo a apenas 4,5% em cada.

Com uma duração média diária de 36 minutos e 22 segundos, o Jornal da Globo é transmitido para todo Brasil a partir da TV Globo São Paulo. A análise do JG contempla 15 edições do telejornal, de segunda a sexta-feira, formando três semanas. Ao reconstruir o espelho foi possível encontrar 332 páginas (também chamadas de laudas ou *script*). Contabilizamos que o formato mais utilizado para se noticiar um fato é a reportagem (com narração em *off*, sonora, sobe som e/ou passagem), correspondendo a 44,5% do total, ocorrendo 9,9 vezes por dia, totalizando 148 exibições.

Em relação às hibridizações no modo de contar as notícias 189 das 332 páginas apareceram em formato híbrido, o que representou um percentual de 54,4% de notícias em formato ainda não descrito. Por dez dias, o percentual hibridizado superou a metade da edição. No dia 25 de julho houve 80,7% de hibridizações, ou seja, de um total de 26 *scripts*, em 21 tivemos formatos ainda não descritos. O dia com menos hibridização foi 21 de junho, quando apenas três (18,8%) de 16 *scripts* foram em formatos híbridos.

Tabela xx. Dados quantitativos encontrados a partir da análise de três semanas construídas dos cinco telejornais analisados.

Telejornal	Tempo Total de produção	Média diária	Páginas	Hibridizações	Percentual hibridizado	Edições
HORA 1 DA NOTÍCIA	28:12:03	01:52:48	902	291	32,30%	15
BOM DIA BRASIL	15:54:08	00:51:37	500	122	24,40%	15
JORNAL HOJE	11:50:54	00:39:30	408	122	31,40%	18
JORNAL NACIONAL	13:22:04	00:44:34	388	46	11,90%	18
JORNAL DA GLOBO	03:05:39	00:36:22	332	189	54,40%	15
TOTAL	78:24:45	04:44:51	2530	770	30,88%	81

Fonte: Elaborado pelo autor.

Quantitativamente é possível, então, verificar que o JG é o telejornal de rede da TV Globo em que quantitativamente há uma maior flexibilização do modo como se constrói a narrativa jornalística. O JN foi o que menos apresentou formatos híbridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O resultado geral da pesquisa aponta que em média, pouco mais de um quarto de todo material analisado apresenta hibridizações. Podemos enumerar alguns pontos relevantes para a inovação na construção da narrativa das notícias nos telejornais: expectativas e resultados da audiência, faixa etária dos jornalistas que produzem o conteúdo (aparentemente, quanto mais novos e nativos digitais, mais propícios a serem adeptos de novas possibilidades), a linha editorial e o tempo de produção editorial do telejornal. Além disso, o tempo de edição para que o material seja montado e o volume de assuntos a serem editados também podem influenciar o modo de construção clássico ou híbrido.

Como quase tudo nas ciências da comunicação, os dados obtidos como resultados também sugerem uma análise subjetiva, mas podem revelar que os processos de produção de notícia sofrem influência dos grupos de audiência que consomem o noticiário.

Os jornalistas constroem antecipadamente a audiência a partir da cultura profissional, da organização do trabalho, dos processos produtivos, dos códigos particulares (as regras de redação), da língua e das regras do campo das linguagens para, no trabalho da enunciação, produzirem discursos. E o trabalho que os profissionais do jornalismo realizam, ao operar sobre os vários discursos, resulta em construções que, no jargão jornalístico, podem ser chamadas de notícias. (Vizeu, 2005b, p.94).

De acordo com esta perspectiva, funciona como se os jornalistas produzissem o conteúdo a ser noticiado a partir das experiências anteriores e do que realmente agrada ao público ver. Ao mesmo tempo, essa é uma ação falha, considerando a ampla territorialidade do Brasil e que não são levados em consideração pelas pesquisas de audiência todo o povo e seus costumes mais diversos.

Primeiro apresentamos uma análise dos formatos clássicos de notícias utilizados pelos telejornais de rede da TV Globo e dados quantitativos encontrados a partir da análise de três semanas construídas dos cinco telejornais em pauta nesta tese, na sequência observamos a ocorrência das hibridizações e verificamos que o Jornal da Globo é o telejornal de rede da TV Globo em que há uma maior flexibilização do modo como se constrói a narrativa jornalística, pois utilizam hibridizações em mais da metade de todo o material analisado. O resultado geral das análises aponta que na média, pouco mais de um quarto de todo material analisado apresenta hibridizações.

REFERÊNCIAS

- Aronchi de Sousa, J.C. (2004). *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus.
- Bistane, L. & Bacellar, L. (2005). *Jornalismo de TV*. São Paulo: Contexto.
- Cervi, E. U. (2017). *Manual de métodos quantitativos para iniciantes em Ciência Política* (Vol. 1). Curitiba: CPOP-UFPR.
- Curado, O. (2002). *A notícia na TV: o dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro.
- Eco, U. (1977). *Como se faz uma tese em ciências humanas*. São Paulo: Perspectiva.
- Goulet, B.E.; Roda, F & Hopkins, R. (2017). Hybridization in plants: old ideas, new techniques. *Plant Physiology*, v 173 (1), pp. 65-78.
- Harrison, RG. (1990) Hybrid zones: windows on evolutionary process. *Oxford Surveys in Evolutionary Biology*. 7, pp. 69-128.
- Kayser, J. (1982). *El diario francés*. Barcelona: A.T.E.
- Maciel, P. (1995). *Jornalismo de televisão: normas práticas*. Porto Alegre: Sagra/Dc Luzzatto.
- Marconi, M. de A. & Lakatos, E. M. (2011). *Metodologia Científica*. São Paulo: Atlas.
- Mattos, S. (2010). *História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes.
- Partenostro, V.I. (2020). *Pensa no telejornalismo após a Covid19*. Palestra apresentada na Semana de Comunicação Uninabuco, Unama, UNG, Univeritas, Uninorte. Recife.
- Paternostro, V. I. (1999). *O texto na TV: manual de telejornalismo*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Porcello, F. (2015). Reflexões sobre as pesquisas em TV no Brasil - propostas metodológicas e formas de análise dos telejornais. *INTEXTO*, Porto Alegre, 34, pp. 146-162. Consultado em: 20 ago. 2017. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/132021/000981926.pdf;sequence=1>
- Rezende, G. J. de. (2000). *Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial*. São Paulo: Summus.

-
- Riffe, D.; Lacy, S. & Fico, F. (2014) *Analysing media messages: using quantitative content analyses in research*. New York: Routledge Taylor/ Francis Group.
- Rose, D. (2014) Análise de imagens em movimento. In: Bauer, M.W. & Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes. Pp. 343-364.
- Silva, E. L. da & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia de Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. Florianópolis: UFSC.
- Siqueira, F.C. (2013). *O efeito de participação do real representado e o surgimento de um novo valor-notícia: o flagrante único de coprodução no telejornalismo*. (Tese de Doutorado). Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Temer, A.C.R. (2015). Fronteiras híbridas: o jornalismo e suas múltiplas delimitações. In: A.C.R. Temer & M. dos Santos. (Orgs.). *Fronteiras híbridas do jornalismo*. Curitiba: Appris.
- Traquina, N. (2005a). *Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são*. Vol. I. Florianópolis: Insular.
- Traquina, N. (2005b). *Teorias do Jornalismo, a tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional*. Vol. II. Florianópolis: Insular.
- Vergara, S. C. (2004). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas.
- Villela, R. (2008). *Profissão: telejornalista de TV - telejornalismo aplicado na era digital*. Rio de Janeiro: Ciência Moderna.
- Vizeu, A. (2005b). *O lado oculto do telejornalismo*. Florianópolis: Calandra.